

N., M. O cinema em Campinas. Jornal de Domingo, Campinas, 16 mar.1965. (Comentando)

Comentando 16-3-65

## O CINEMA EM CAMPINAS

*Jornal de Campinas* *Braulio?*  
M. N.

A crôniqueta de domingo saiu publicada com um erro grave, que apressamos em retificar. O primeiro filme campineiro, "João da Mata" — argumento e direção de Amilar Alves — foi rodado e exibido em 1923 e não em 1927. Mas passemos adiante, contando mais alguma coisa curiosa sobre o surto regional de Campinas, dentro da cinematografia nacional, e que começou com aquele "drama caipira", de caráter bem brasileiro, mostrando, inclusive, cenas muito bonitas numa fazenda de café do interior paulista na época da colheita.

Depois da "Phenix", que produziu seu único filme, "João da Mata" surgiu uma outra companhia produtora de filmes, a "Apa", cujos fundadores e principais financiadores foram Otacilio Fagundes, José Carneiro e Ricardo Zaratin, este último progenitor do famoso "astro" das novelas do canal 9, Carlos Zara. Levantando um capital de sessenta contos — importância respeitável para a época — a "APA" montou estúdios na rua Barão de Parnaíba, adquiriu equipamento moderno, refletores de teto e contratou um diretor norte americano E.C. Karrigan — produzindo um filme de far-west, com todos os "ingredientes" do gênero, inclusive com o "cabaré" (saloon) onde se travava a luta decisiva entre o "mocinho" e o "bandidão", disputando a socos e tiros o amor da tímida "mocinha". O filme intitulava-se "Sofrer para gozar" e teve boa aceitação porque apresentava uma técnica muito mais apurada do que "João da Mata", explorando um gênero popularíssimo.

Veio, depois, o terceiro filme, uma versão de "A Carne", de Julio Ribeiro, romance que estava em grande voga na época. O excêntrico americano Karrigan foi, na direção dessa película, substituído por Felipe Ricci, que fez prodígios para contornar dificuldades nas cenas mais "audaciosas", apelando para estranhas imagens metafóricas... Havia receio de que a própria atriz principal, descobrindo o sentido exato do enredo, abandonasse o trabalho, considerando-o imoral. Hoje esse problema não existe. Mas naquele tempo... "A Carne" custou 100 contos e foi um fracasso de bilheteria, o que, em grande parte, apressou o fim melancólico da "Apa". A escrita era de uma meticulosidade incrível, sob a orientação de Amilar Alves. No livro "caixa" — atualmente em poder do sr. Alfredo Roberto Alves — há anotações curiosas, como esta: "gatinheiro dispendido para procurar galinhas e bonde ida e volta: 1\$100". As galinhas eram necessárias para uma cena que se passava perto de um galinheiro. Vamos continuar porque a história do cinema em Campinas ainda prosseguiu com "Mocidade Louca" e "Alma Gentil", os dois últimos filmes.